

## Conhecendo as paisagens

O Art Farm Project inicia sua primeira residência artística em 2019 nos Galpões da Fazenda Santo Antônio em Amparo, abrindo possibilidades para a produção artística contemporânea. É uma residência que além de hospedar, tem por intenção envolver os artistas em sua dinâmica espaço-temporal. Desenvolvida desde 2003 como uma fazenda produtiva, dedica-se a alguns anos em planejar o espaço para receber projetos artísticos sob a coordenação e curadoria de Adriana Penteado, galerista de experiência que atribuiu ao lugar um processo de criação precedente a chegada dos artistas. Essa intencionalidade ganha forças na residência, enquanto um campo na produção e atuação das artes visuais que se desenvolve inter-relacionado a um emergente pós-modernismo no campo do pensamento.

A adaptação de antigos galpões da fazenda a tornarem-se ateliers de trabalho, possuem a expressão de um pensamento espacial-arquitetônico característico. Equipando-os com uma grande quantidade de materiais, ferramentas e objetos da fazenda deixados a disposição, o processo de planejamento da produção segue os critérios de criação propositiva da curadoria, tendo o papel fundamental de despertar o desejo de experimentação dos artistas. Ao decorrer do projeto, esteve a disposição para auxiliar logisticamente a execução dos trabalhos dentro de seu cotidiano imersivo. O acompanhamento contínuo dos residentes compõe uma equipe especializada a ocupar diferentes domínios do campo artístico. Enquanto a curadoria realizava uma orientação no sentido estético e mercadológico das produções, a crítica ocupava-se em provocar reflexões sobre a experiência e sua relação processual com a criação poética/conceitual. Afim de potencializar essa dupla orientação, houve a documentação em imagens fotográficas e em vídeos acessíveis aos artistas.

O processo de seleção dos residentes contemplou questões próprias ao projeto, acontecendo através de um edital online e de convites pontuais a alguns artistas que despertaram atenção com seus trabalhos nas redes sociais. Tal escolha da curadoria foi coerente a grandes transformações socioambientais pelas quais se passa hoje e enfatiza a necessidade de romper com dicotomias como o digital/orgânico, a cultura/natureza. As tecnologias digitais alteraram a percepção das imagens. A velocidade em que elas 'esgotam' ou deixam de compor sentido para as pessoas é acelerada. Aplicativos como o Instagram, exigem uma transformação continua para manter a atenção de seus seguidores. Caso o artista desenvolva e reproduza uma

'estilística pictórica', ela perde o destaque em função de imagens menos previsíveis produzidas por outras pessoas. Ao mesmo tempo, se as imagens foram sempre imprevisíveis, há uma dificuldade maior em serem associadas a ele. O hábito de ver essas imagens na dimensão do computador ou do celular, pode não substituir o desejo de ver os trabalhos pessoalmente, mas, estimular o deslocamento para encontra-los em sua dimensão e materialidade específica. O modo de correr a timeline, ou os stories, afeta também uma espacialidade imagética, pois as imagens ganham força dentro da tela numa dinâmica que é associativa, ou seja, enquanto composição. Sem que se faça um juízo de valor sobre tal constatação, há de se pensar que fora das telas esse mesmo olhar continua relevante como um 'software biológico', alterando a percepção de mundo e principalmente da arte, pois o hábito tende a educar. Imagens produzidas anteriormente pelos artistas foram dispostas no site do projeto para anunciar o resultado da seleção, na qual pode-se perceber proximidades cromáticas e de motivos que, de antemão já conferem uma unidade visual associativa. Esse conjunto possui relação visual com a fazenda Santo Antônio, reunindo artistas com produções potenciais a toma-la como território de criação. Assim, a seleção apropria-se da articulação de imagens da internet e do desejo por ver esses artistas trabalhando pessoalmente sem mediações.

A ênfase na produção de trabalhos processuais vinculados a fazenda alinha-se a estética relacional, valorizando poéticas em que o artista se guia pelas relações que tece com o outro, com o mundo e com as singularidades da pesquisa poética. No entanto, desqualificar o idealismo moderno de progresso não é um sinônimo de perder o sentido da arte enquanto produto estético que compõe a sustentabilidade de seu ofício. A intenção relacional do projeto, contemplou um almoço antes da residência para os artistas conhecerem a fazenda. Em suas propostas iniciais havia um gesto de imaginação projetiva, a que o almoço condicionou alterações partindo de uma vivência tangível com o espaço. Ainda, foi feito um convite aos artistas para elaborarem oficinas para crianças numa escola municipal situada no limite da fazenda. Conduzindo um movimento propositivo dos participantes, enfatizou o diálogo com o outro em vias de expressividade. Estendendo-se além dos muros da escola, as oficinas foram um desdobramento do processo de criação e estimularam uma postura de partilha levada as relações entre artistas a colaborarem uns com os outros e contagiarem seus espaços de trabalho. Embora apenas um dos projetos tivesse como proposta inicial realizar um site specific, a paisagem curatorial conseguiu motivar que os trabalhos dialogassem com o lugar e que alguns deles, fossem possíveis de serem executados apenas no Art Farm Project.

## **A produção de ambientes**

As paisagens são formadas e produzidas pelos resíduos deixados pelos seres vivos e forças geológicas ao intervirem em um espaço no decorrer do tempo. Se estivermos na fazenda e olharmos ao nosso redor, iremos constatar que há uma sobreposição material: um galho que caiu com a passagem de um carcará, um ninho de anu abandonado que se desfez sobre ele, um musgo que ali cresceu e morreu com a chegada do verão, uma trilha formada por um lagarto fugindo de uma ave, uma camada de folhas espalhadas pelo vento e assentadas pela chuva. Essa sucessão de relações no espaço deixa resíduos, o que é vivo e dinâmico num momento, no outro se sedimenta e forma paisagem. Por sua vez, a paisagem condiciona materialmente e imaterialmente novas experiências ambientais que produzirão novas paisagens sucessivamente. Apesar de tomar a fazenda como exemplo, a mesma dinâmica pode ser constatada em qualquer espaço, cada um com suas singularidades. Os seres vivos reciclam os resíduos da paisagem para formar seus territórios: Uma aranha fez sua teia entre as folhas, uma trepadeira cresceu sobre os galhos caídos, uma pessoa coletou a forragem para cobrir a terra de uma horta.

Levando essa reflexão ao campo artístico, podemos pensar como as experiências territoriais da curadoria relatadas até então, sejam elas materiais ou subjetivas, formaram uma paisagem que recebeu os artistas para o projeto de residência. Com a chegada deles, inicia-se um encontro de territórios gerador de ambientes. Os artistas configuram uma paisagem a somar-se com a da fazenda. No entanto, essa pode ser compreendida como um espaço corporal, ou, um corpo-resíduo. Ele é o acúmulo de suas experiências vividas no passado, seja no sentido imaterial com a formação de um olhar poético, ou, material, com critérios e técnicas que são parte da espinha dorsal de um percurso perceptivo. Agrega-se ainda, a carga emocional da memória e as narrativas que o artista eventualmente atribui a suas obras. No entanto, o corpo-resíduo do artista é como uma paisagem nômade, pois a cada encontro é obrigado a se reciclar conforme as novas condições encontradas. Esse movimento de adaptação formaliza um corpo-eventual para se relacionar, assim, sua produção é inevitavelmente influenciada em função das forças ambientais que o cruzam. Seu olhar poético direciona-se a uma árvore percebendo um potencial artístico tal qual estivesse a observar uma escultura consagrada. Os gestos, comportamentos, estados de humor ou relações afetivas com um colega podem despertar uma atenção poética para desenvolver novos trabalhos. Mesmo que pensemos no olhar poético do artista

enquanto sua marca registrada, este também é vulnerável a demandas que são eventuais e modifica-se com o passar do tempo. Assim, na residência artística a produção estética não é executada como um projeto estrito, mas como um ponto de apresentação pública de um processo relacional sinuoso.

Se visualizarmos as cartografias que os artistas foram convidados a realizar ao fim de suas hospedagens, veremos que sua relação com a paisagem se guia pelos afetos. Cada um deles percebeu coisas de importância no lugar que são como pontos de sustentação para novas experiências. São pontos de entrada e interlocução, como os poros o são para a pele. Essas passagens é que dão vazão para se familiarizarem, se sentirem a vontade de modificarem-se enquanto sujeitos para então encontrar motivação em novos trabalhos. Há de se ressaltar que mesmo sem verem as cartografias realizadas um pelo outro, as palavras e pontos de interesse se repetem. Como um exemplo material disso, três pessoas pontuaram os bodes da fazenda como um de seus interesses. Num sentido de acontecimento, a mesma quantidade pontuou a produção de pães realizadas em grupo durante a hospedagem ou os almoços oferecidos pela fazenda. Esses pontos partilhados são a expressão de um território coletivo, ou seja, a familiarização com o lugar não acontece apenas no sentido pessoal, mas também partilhado. Outro modo de perceber isso, é visualizando como alguns lugares específicos da fazenda receberam mais pontos que outros. A sobreposição das cartografias mostra que esses foram os lugares onde o encontro entre as pessoas com a paisagem formaram ambientes. Com a sobreposição por ordem de semanas, percebemos que a quanto mais tempo o artista esteve na residência, menos nítido ficam seus percursos e pontos de afetos pois eles se tornam resíduos. O que numa semana era ambiente vivo, na outra se torna paisagem, onde um novo ambiente pode ser formado pelos artistas que estão ali presentes. O corpo-residual dos artistas e a paisagem da fazenda entram num regime de troca que intensifica a produção de subjetividades, as quais por sua vez, encontram expressão na criação dos trabalhos artísticos. Enquanto os ambientes gerados na/com a fazenda, alteram consideravelmente a produção dos residentes, esses, por sua vez, tornam-se formadores/transformadores da mesma. Na força do encontro todos os resíduos são reciclados para formar algo novo, nada e ninguém permanece o mesmo.

Há dois fatores que compõe ativamente esse contexto relacional. Um deles é o legado do neoconcretismo na arte contemporânea brasileira, criando uma atenção especial a experiência do público enquanto co-autor na produção de significados e sentidos de uma obra. O segundo é a própria internet que promove uma postura ativa

de seus usuários e acrescenta a esse legado um novo contexto. Com isso, a apresentação pública que no Artfarm Project acontece inicialmente através do acompanhamento de processos via redes sociais, ganha um status de maior importância ao exigir uma série de decisões ao artista que influenciam sua produção. Com isso, ele deixa de ser aquele que apenas comunica um ideal estético e passa a ser aquele que convida a uma experiência que pode ou não comover as pessoas. Agregase valor a um produto estético, seja enquanto objeto ou acontecimento, na medida em que mais sentidos são vinculados à relação público-obra-artista. Tais mudanças, potencializam a responsividade de suas ações, ou seja, sua relação com acontecimentos eventuais. Com essa demanda por novas experimentação, deslocar-se a evitar o sedentarismo pode ser um diferencial. No entanto, há como consequência uma situação de risco que pode inibir a entrega do residente às experiências ambientais do Art Farm Project: Se por um lado a experimentação com a nova situação pode gerar diferenciação em seus trabalhos, por outro, fugir aos hábitos pode produzir resultados não tão compatíveis à imagem do artista no circuito artístico e de sua obra enquanto um produto para o mercado. Assim, mesmo que o encontro entre os artistas e a residência inevitavelmente modifique um ao outro, nem sempre o residente está disposto a abrir mão da segurança de uma identidade estabelecida para apostar na incerteza dos devires, podendo inclusive, evitar ao máximo que isso aconteça. A medida dessa disposição varia de artista para artista, já que cada um tem seu próprio modo de gerenciar e avaliar os riscos para a sucessão de sua carreira, bem como, há por exceção poéticas artísticas que são intencionalmente autorreferentes.

### **A coleta como expressão artística**

O conceito mais transversal as produções e a residência artística é a coleta, ou, o modo com que o artista se apropria da paisagem e do ambiente para se expressar. Com sua expansão, percebemos em evidência a interferência do espaço/tempo característico para formações territoriais e nos processos de criação. A coleta possui vários desdobramentos com que cada produção se vincula de modo diferente. Aliando deslocamento e percurso, a artista Simone Peixoto realizou uma deriva para coletar folhas para monotipias e galhos como suporte de gravura expandida. Há uma interdependência do deslocamento para a coleta, sendo esse um recurso de expressividade poética própria da artista e que outros também o possuem, mas de outro modo. A artista Anna Paes desenvolveu um site-specific de bio-construção em espaços distintos da paisagem em que se apropria da topologia, ou, da própria espacialidade da fazenda para seu trabalho. Posteriormente ela os pintou com tintas produzidas com

pigmento mineral de terra, utilizadas também nas pinturas de Laura Gorsky em sua breve passagem pela residência. Sandra Lapage, Débora Bolsoni e Martin Lanezan utilizaram a coleta voltada ao espaço de trabalhos do galpão com os materiais que foram ali reunidos pela produção, explorando a historicidade material e simbólica agregada como um sentido estético. Ainda, este aspecto simbólico pode percorrer afetos que são pessoais. Apesar de não realizar essa aproximação por um viés de significados agregados diretamente a obra, Paulo Whitaker realizou desenhos em desnível sobre tinta óleo em que recorre a sua trajetória enquanto artista. A série realizada na residência faz uma auto-referência a um trabalho desenvolvido para uma exposição individual com a mesma curadoria do Artfarm Project em uma galeria a quase trinta anos atrás.

Outro modo de explorar a coleta desdobrou-se através da pintura e do desenho. Apesar dessas técnicas raramente utilizarem materiais outros que a tinta, há um sentido de coleta imagética que não perde referência física na paisagem. Para Henrique Detomi e Danielle Noronha o deslocamento até as margens da fazenda foi uma necessidade presente em suas pinturas, enquanto Adrienne Gallinari deteve-se a vista e a percepção da amplitude do horizonte presente nos entornos dos galpões para realizar seus desenhos. No trabalho desses artistas verifica-se que o aspecto pictórico das formas, linhas e as cores da paisagem estão presentes por uma coleta imagética. Distante desses elementos mais reconhecíveis, a pintura de Adalgisa Campos explora sensorialmente a paisagem, no sentido de como reverbera perceptivamente em seu corpo para posteriormente, produzir imagens. Processo semelhante acontece com as pinturas de pássaros de Helen Faganello, que apesar da utilização de referências da internet para sua pintura, deteve-se a influência dos cantos dos pássaros que ecoavam na fazenda ao longo do dia. A coleta imagética ou perceptiva desses artistas foi acompanhada em alguns casos por uma coleta material de suportes que guiavam um modo próprio de composição como madeiras de demolição da fazenda e cacos de cerâmica. Em outros casos a coleta material não foi uma necessidade, bastando a apropriação de telas convencionais disponibilizadas pela produção do projeto.

A imersão na residência possibilita confluências e/ou apropriações de percepções poéticas entre as produções. Cada artista possui um espaço de trabalho que se adapta aos lugares onde passa, como uma paisagem nômade. Ele é concreto na medida em que compreende as ferramentas e materiais utilizados, mas também imaterial no uso das técnicas empregadas e no comportamentos, posturas e modos operantes. A proximidade desses espaços de trabalho em um mesmo galpão,

proporciona inicialmente trocas e interações entre os artistas, apresentando um pouco de suas características de trabalho que podem ser coletadas um pelo outro. Nesse aspecto compreende-se também um movimento de transtécnia. Cada artista possui familiaridade maior com alguma técnica, seja ela pintura, desenho, escultura, fotografia, etc. Ao invés de restringirem-se a esses procedimentos de costume, houve um estímulo para que buscassem outros formatos, potencializado pela troca de materiais e técnicas entre si. Esse movimento é relevante na medida em que quando um pintor realiza uma escultura, ele desloca todo sentido pictórico da pintura para a espacialidade, ou seja, não é a escultura própria de um escultor, mas um território expressivo entre as técnicas onde reside diferença e singularidade.

Como um exemplo desses movimentos, já na primeira semana, houve um grande interesse partilhado pelas pedras da fazenda por Henrique Detomi e Adrienne Gallinari, mas, que ao longo das quatro semanas evidenciou-se em maiores proporções com o site-specific de Cecilia André, artista que permaneceu durante as quatro semanas da residência. Sua obra consiste na pintura de transparências de cor sobre uma grande pedra da fazenda. Na visualidade da paisagem as cores vivas se destacam, explorando o espaço ocupado pela cor, ou seja, a cor não se limita a dimensão da pedra pois uma vez no horizonte, influência todo o raio de visão de quem está vendo. O artista Eduardo Sancinetti que participou da última semana, chegou quando a obra de Cecilia André estava em estágio avançado. Já familiarizado em sua própria produção com o espaço das cores, pintou por inteiro troncos de árvores fatiadas com cores vivas e realizou diversas experimentações com esses na paisagem, buscando pela alteração perceptiva do espaço.

É possível perceber nesses fenômenos a confluência de características da residência até aqui citadas. Os encontros entre a paisagem e os artistas desenvolveram ambientes distintos no decorrer das quatro semanas e formalizaram o que se tornou o Art Farm Project. Tratando-se de uma grande fazenda, é possível perceber como suas dimensões, percursos e materialidades foram ativadas conforme o tempo das hospedagens, possibilitando a imersão na experiência, as interações do atelier partilhado e a confluência de percepções entre os artistas. A temporalidade da residência impulsionou que as relações ambientais/espaciais se manifestassem com clareza. A cada semana, houveram diferenças conforme os grupos que a ocuparam, mas, no entanto, territórios de convergência tornaram-se recorrentes. São esses territórios expressivos partilhados que possibilitam pensar nas singularidades formadas

pelo Art Farm Project e em grande medida, sua contribuição para com os devires da arte contemporânea.